

# Sodoma e Gomorra: castigadas por Deus?

Sabemos que a ignorância campeia desenfreada e para os que vivem nela mergulhados admitimos a aceitação de postulados antigos, hoje completamente destruídos pela ciência oficial. (MELO)

Não se deve aceitar qualquer ideia que nos vem dos livros, da tradição, da autoridade da Igreja, nenhuma deve ser aceita a não ser que resista a um exame rigoroso. (DESCARTES)

## Introdução

Quem lê o Antigo Testamento, sem a viseira imposta pela teologia tradicional, certamente verá que foram atribuídos a Deus comportamentos típicos de nós, os seres humanos, como ira, raiva e vingança. Somente uma pessoa completamente bitolada, ou bem encabrestada por sua liderança religiosa, poderá admitir que tais sentimentos inferiores, próprios de seres atrasados, possam igualmente possuí-los a divindade. Curioso é que sempre nos afirmam que "Deus é amor", inclusive, é uma expressão bíblica (1Jo 4,8.16); então como Lhe atribuir coisas desse nível?

Queremos que nosso leitor veja isso, por si mesmo, no assunto que iremos abordar agora.

Embora, provavelmente, todos nós conheçamos a história onde, segundo os autores bíblicos, Deus, por castigo, destrói as cidades de Sodoma e Gomorra, vale a pena acompanhar a narração bíblica. Para isso iremos transcrever alguns trechos bíblicos, em relação aos quais teceremos os nossos comentários, esperando que você, caro leitor, possa também ver quanta coisa absurda há neles.

## Passagens bíblicas sob análise

**Gn 13,13:** *Ora, os homens de **Sodoma** eram maus e grandes pecadores contra o Senhor.*

Em outras versões bíblicas ao invés de "homens" encontramos que foram os "habitantes", o que amplia sobremaneira os "culpados", pois assim estariam incluídas as mulheres e, obviamente, também as crianças e, como não há nenhuma exclusão, pasmem, até mesmo os bebês de colo. Ao que nos parece, os tradutores deveriam definir quem eram, na verdade, os criminosos e pecadores, para que se estabeleça a justiça. Como tal castigo atingiu gente inocente, então o que foi dito sobre Deus está furado? Veja: "*Tu, porém, és justo, e governas todas as coisas com justiça. Consideras incompatível com o teu poder condenar alguém que não mereça castigo*" (Sb 12,15).

Chamamos sua especial atenção quanto ao nome da cidade, uma vez que aqui se atribuem tais coisas apenas aos que moravam em Sodoma, mas, como veremos mais adiante, os habitantes de outras cidades também foram castigados. A pergunta é: foram castigados mesmo não sendo criminosos e pecadores? É desnecessário repetir o que, por último, dissemos no parágrafo anterior.

Sobre essa cidade nos informam: "Sodoma – a principal das cinco cidades da planície, cuja fertilidade rivalizava com a do Egito, situada perto do Jordão e do Mar Morto (Gn 13,10), e tristemente célebre por suas iniquidades (Gn 13,13; 18,20; Is 3,9; Lm 4,6)". (Dicionário Prático, Barsa, p. 257).

**Gn 14,10:** *Ora, o vale de Sidim estava **cheio de poços de betume**;...*

Betume, segundo o dicionário Houaiss é: "mistura, escura e viscosa, de hidrocarbonetos pesados com outros compostos oxigenados, nitrogenados e sulfurados; usado como impermeabilizante, na pavimentação de estradas, na fabricação de borrachas, tintas etc.;

asfalto, pez mineral". Acreditamos que esse material é inflamável, o que poderia ocasionar um grande incêndio nessa região, desde que se manifestassem as condições necessárias para que ele pudesse ocorrer.

**Gn 18,20-21:** *Disse mais o Senhor: Porquanto o clamor de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito, **descerei agora, e verei se em tudo têm praticado segundo o seu clamor**, que a mim tem chegado; e se não, sabê-lo-ei.*

Os tradutores da Bíblia de Jerusalém, afirmam que "O Javista recolheu e transformou **uma velha lenda sobre a destruição de Sodoma**, na qual intervêm três personagens divinas". (p. 56). Então, por que ainda se faz de tudo para que os fiéis acreditem que tudo isso foi fato verdadeiro?

Aqui já nos aparece a cidade de Gomorra, sem que se tivesse afirmado nada sobre ela. É muito interessante que Deus, apesar de ser onisciente, não tivesse conhecimento daquilo que ocorria nessas duas cidades, precisando "descer" para ver pessoalmente. Mas e como fica a passagem que afirma que Deus contempla e vê todos os homens e discerne todos os seus atos (Sl 33,13-15)? Não bastasse essa, ainda temos uma outra afirmando categoricamente que "o espírito do Senhor enche o universo, dá consistência a todas as coisas e tem conhecimento de tudo o que se diz" (Sb 1,7), demonstrando que nada acontece sem que Deus o saiba.

Por outro lado, se entendermos clamor como reclamação ou queixa, fica-nos a interrogação: quem o estaria fazendo? Seriam os justos que viviam naquelas cidades? Foram as mulheres? Quem, afinal, não estava concordando com os crimes e pecados cometidos pelos que nelas moravam? Certamente quem fez isso tinha comportamento exemplar; mas, mesmo assim, mereciam ser mortos junto com eles?

**Gn 18,26-32:** *Então disse o Senhor: Se eu achar em **Sodoma cinquenta justos dentro da cidade, pouparei o lugar todo por causa deles**. ... Disse ainda Abraão: Ora, não se ire o Senhor, pois só mais esta vez falarei. Se porventura se acharem ali dez? Ainda assentiu o Senhor: Por causa **dos dez** não a destruirei.*

Depois de Deus ter baixado à Terra e ver o que estava acontecendo, decidiu, literalmente, riscar do mapa a cidade de Sodoma. Uai, cadê Gomorra! Deus, apesar da dúvida, se devia ou não contar a Abraão, resolve expor-lhe o Seu "plano maligno". Ao saber do plano, imediatamente o patriarca toma a defesa da cidade, e, de certa forma, repreende a Deus ao dizer: "Longe de fazeres tal coisa: fazer morrer o justo com o pecador, de modo que o justo seja tratado como o pecador"! Longe de ti! Não fará justiça o juiz de toda a terra? (Gn 18,25). O fato é tão absurdo que até mesmo foi reconhecido pelos tradutores da Bíblia de Jerusalém, que explicam: "Há mais injustiça em condenar alguns inocentes do que em poupar uma multidão de culpados". (p. 57).

A passagem citada é o momento em que Abraão defende os justos da cidade, conseguindo de Deus uma promessa que se nela fosse achado cinquenta justos Ele não a destruiria. Abraão pechinchando, consegue que Deus abaixe a dez o número dos justos, a fim de poupar todos os habitantes de Sodoma do "riscamento" do mapa. Foi um cara ousado, não é mesmo? Mas ficamos a pensar... e se Abraão resolvesse perguntar a Deus, deixando-O numa situação difícil: destruirá mais três cidades – Zeboim, Adma e Gomorra - por conta do pecado de Sodoma?

**Gn 19,1-13:** *À tarde **chegaram os dois anjos a Sodoma**. Ló estava sentado à porta de Sodoma e, vendo-os, levantou-se para os receber; prostrou-se com o rosto em terra, e disse: Eis agora, meus senhores, entrai, peço-vos, em casa de vosso servo, e passai nela a noite, e lavei os pés; de madrugada vos levantareis e ireis vosso caminho. Responderam eles: Não; antes na praça passaremos a noite. Entretanto, Ló insistiu muito com eles, pelo que foram com ele e entraram em sua casa; e ele lhes deu um banquete, assando-lhes pães ázimos, e eles comeram. Mas **antes que se deitassem**, cercaram a casa os homens da cidade, isto é, **os homens de Sodoma**, tanto os moços como os velhos, sim, todo o povo de todos os lados; e, chamando a Ló, perguntaram-lhe: Onde estão os homens que entraram esta noite em tua casa? Traze-os cá fora a nós, **para que os conheçamos**. Então Ló saiu-lhes à porta, fechando-a atrás de si, e*

*disse: Meus irmãos, rogo-vos que não procedais tão perversamente; eis aqui, **tenho duas filhas que ainda não conheceram varão; eu vo-las trarei para fora, e lhes fareis como bem vos parecer**: somente nada façais a estes homens, porquanto entraram debaixo da sombra do meu telhado. Eles, porém, disseram: Sai daí. Disseram mais: Esse indivíduo, como estrangeiro veio aqui habitar, e quer se arvorar em juiz! Agora te faremos mais mal a ti do que a eles. E arremessaram-se sobre o homem, isto é, sobre Ló, e aproximavam-se para arrombar a porta. Aqueles homens, porém, estendendo as mãos, fizeram Ló entrar para dentro da casa, e fecharam a porta; e feriram de cegueira os que estavam do lado de fora, tanto pequenos como grandes, de maneira que cansaram de procurar a porta. Então disseram os homens a Ló: Tens mais alguém aqui? Teu genro, e teus filhos, e tuas filhas, e todos quantos tens na cidade, tira-os para fora deste lugar; **porque nós vamos destruir este lugar, porquanto o seu clamor se tem avolumado diante do Senhor**, e o Senhor nos enviou a destruí-lo.*

Muito estranha essa história de dois anjos, que acompanharam Deus em sua descida do céu, serem recebidos por Ló, que, após insistir, os convence a pernoitar em sua casa. Só que os homens de Sodoma vão à casa de Ló exigir que os entregue para que eles os "conhecessem". Conhecer aqui é um eufemismo empregado para esconder que os homens de Sodoma queriam, suas intenções eram ter relações sexuais com esses dois anjos. Mas será que seres carnis conseguiriam praticar um ato sexual com os anjos, que são seres espirituais? Meu Deus!

Diante dessa situação, qual foi a atitude de Ló? Bom, para evitar tal perversidade para com os anjos, esse "bondoso" pai oferece suas duas filhas, ainda virgens, aos "sedentos" homens, para que fizessem com elas o que quisessem. Será que algum pai faria isso para com suas filhas?

Entretanto, como esses anjos sabem se defender, o fazem ferindo de cegueira todos aqueles homens, e, ainda não satisfeitos, dizem a Ló, que irão destruir toda a cidade, como se não tivessem ido para lá, justamente para fazer isso. Coitados dos que não estavam nessa torpe empreitada... Seriam mortos por algo que não fizeram. Que justiça!... E olhem a incoerência: a vingança tinha o objetivo de destruir "este lugar", ou seja, Sodoma e não toda a região como relatam ter acontecido.

**Gn 19,18-25:** *Respondeu-lhe Ló: Ah, assim não, meu Senhor! Eis que agora o teu servo tem achado graça aos teus olhos, e tens engrandecido a tua misericórdia que a mim me fizeste, salvando-me a vida; mas eu não posso escapar-me para o monte; não seja caso me apanhe antes este mal, e eu morra. Eis ali perto aquela cidade, para a qual eu posso fugir, e é pequena. Permite que eu me escape para lá (porventura não é pequena?), e viverá a minha alma. Disse-lhe: Quanto a isso também te hei atendido, para não subverter a cidade de que acabas de falar. **Apressa-te, escapa-te para lá; porque nada poderei fazer enquanto não tiveres ali chegado. Por isso se chamou o nome da cidade Zoar.** Tinha saído o sol sobre a terra, quando Ló entrou em Zoar. Então o Senhor, da sua parte, **fez chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra.** E subverteu **aquelas cidades e toda a planície**, e todos os moradores das cidades, e o que nascia da terra.*

Curioso é que o anjo poupou da destruição a cidade de Zoar, porquanto Ló foi para lá, então por que não fez o mesmo com Sodoma porque ele morava lá, não é estranho isso? "Fez chover do céu enxofre e fogo" coisas que nos lembram algum fenômeno de ordem natural.

E, pior ainda do que pensávamos, não só Gomorra, mas também outras cidades foram destruídas, sem que fossem citadas como pervertidas, coisa que, pelas narrativas, só se atribui a Sodoma; que injustiça!

Encontramos a seguinte explicação para o versículo 24:

É provável que Deus se tenha servido de **algum cataclisma natural para castigar a cidade pecadora. São frequentes nessas zonas**, isto é, na região meridional do mar Morto. As cidades teriam sido submergidas no mar, ao sul do mesmo, de acordo com os últimos dados dos trabalhos arqueológicos, em execução ainda atualmente no fundo marítimo. (Bíblia Paulinas, p. 42). (grifo)

nosso).

O que não entendemos é que, apesar de admitirem que tal fato foi uma catástrofe natural, mesmo assim pregam que a destruição daquela região aconteceu por um "milagre" divino. E em relação ao enxofre e fogo, esclarecem-nos: "Depósitos de enxofre e asfalto (ou betume, cf. 14,10) têm sido encontrados naquela região. Possivelmente ocorreu um terremoto e relâmpagos provocaram a ignição dos gases liberados, provocando uma chuva de fogo e fumaça". (Bíblia Anotada, p. 31). Nessa explicação também admitem a possibilidade de ter ocorrido algum fenômeno de ordem natural.

Ora, então não temos um milagre divino que teria acontecido por castigo, mas apenas um "cataclisma natural", que eram frequentes naquela região. A informação dos trabalhos arqueológicos apontaram para uma inundação, conforme se verá, mais à frente, quando citarmos Werner Keller.

**Gn 19,26:** *Mas a mulher de Ló olhou para trás e ficou convertida em uma estátua de sal.*

Quando lemos esse versículo, instintivamente, lembramo-nos de um mágico, num palco de circo, fazendo suas mágicas para divertir o povo. Como é possível acreditar numa história dessas? Daí é que percebemos quanto é o atraso do ser humano na questão de compreender a divindade.

Esclarecem-nos os tradutores bíblicos, sobre esse passo:

Explicação popular de uma rocha de forma caprichosa ou de um bloco salino. (Bíblia de Jerusalém, p. 58).

Explicação popular sobre a origem de alguma rocha com forma humana, coberta de sal, fato comum na região. É a punição pela desobediência e indecisão da mulher (19,17). (Bíblia Vozes, p. 46).

Saga etiológica: havia na região uma formação salina que, vista de determinado ponto, se assemelhava a uma mulher. O povo a chamava "mulher de Ló" e contava sua história temerosa. Olhou para trás com nostalgia ou curiosidade: sua figura petrificada passou à nossa cultura como símbolo de nostalgia covarde do passado, uma nostalgia que paralisa. Sb 10,7. (Bíblia do Peregrino, p. 42).

O interessante é que, apesar de não concordarem com a "mágica" divina, ao transformar a mulher de Ló numa estátua de sal, mesmo assim, usam argumentos teológicos retrógrados, afirmando que é um fato real, resultado do castigo divino a uma mulher que poderia ter olhado para trás apenas por sentimento de compaixão com aqueles que estavam, literalmente, virando cinzas.

Sobre esse assunto, vejamos o que Keller, tem a nos dizer:

Quanto mais nos aproximamos da extremidade sul do mar Morto, mais deserta e selvagem se torna a região e mais sinistro e impressionante é o cenário das montanhas. Um eterno silêncio paira nos montes, cujas vertentes escalavradas pendem a prumo sobre o mar, onde se reflete sua brancura cristalina. A inaudita catástrofe deixou seu selo indelével de tristeza e desolação naquelas paragens. Raramente passa por algum daqueles vales fundos e escarpados um grupo de nômades a caminho do interior.

Onde terminam as águas pesadas e oleosas, ao sul, termina também, bruscamente, o impressionante cenário de rochedos, dando lugar a uma região pantanosa de água salgada. O solo avermelhado é riscado por inúmeros ribeiros, perigosos para o viajante incauto. Essa baixada estende-se a grande distância para o sul até o deserto vale de Araba, que chega até o mar Vermelho.

A oeste da costa sul, na direção do *país do meio-dia* bíblico, o Neguev, estende-se um espinhaço de quarenta e cinco metros de altura e quinze quilômetros de comprimento na direção norte-sul. O sol, batendo nas suas encostas, produz reflexos de diamante. É um estranho fenômeno da natureza. A maior parte dessa pequena serra é constituída de puros cristais de sal. Os árabes chamam-lhe Djebel Usdum, nome antiquíssimo em que está contida a

palavra "Sodoma". A chuva desloca numerosos blocos de sal que rolam até a base. Esses blocos têm formas caprichosas e alguns deles são eretos como estátuas. Às vezes em seus contornos a gente pensa distinguir, de repente, formas humanas.

As estranhas estátuas de sal trazem logo à lembrança a história da Bíblia sobre a mulher de Lot, que foi transformada em estátua de sal. E tudo o que está próximo ao mar salgado ainda hoje se cobre em pouco tempo com uma crosta de sal. (KELLER, 2000, p. 92).

Então, Keller confirma ser uma questão não real, ligada à superstição ou credence popular que fez de blocos de sal, com forma semelhante a um ser humano, uma mulher verdadeira. Nada como a ciência para derrubar mitos!

**Gn 19,27-28:** *E Abraão levantou-se de madrugada, e foi ao lugar onde estivera em pé do Senhor; e, contemplando **Sodoma e Gomorra e toda a terra da planície, viu que subia da terra fumaça como a de uma fornalha.***

Algum fenômeno natural produziu a fumaça que subia como a de uma fornalha. Essa comparação lembra-nos um vulcão em erupção, ou coisa bem próxima disso. E aqui temos a comprovação de que toda região foi destruída, tudo por conta da prevaricação de uma só cidade. Pela Bíblia de Jerusalém, tivemos conhecimento de que "A história de Sodoma, destruída pelos pecados de seus habitantes, pode ter sido primitivamente um paralelo transjordânico da narrativa do dilúvio" (p. 59). Essa hipótese compromete a realidade da narrativa, não é mesmo?

Antes de terminar essa história, vamos seguir um pouco mais adiante para vermos como procederam as filhas de Ló que foram salvas, porquanto não eram criminosas nem pecadoras como os outros habitantes de Sodoma.

**Gn 19,30-38:** *E subiu Ló de Zoar, e habitou no monte, e as suas duas filhas com ele; porque temia habitar em Zoar; e habitou numa caverna, ele e as suas duas filhas. Então a primogênita disse à menor: Nosso pai é já velho, e não há varão na terra que entre a nós, segundo o costume de toda a terra; **vem, demos a nosso pai vinho a beber, e deitemo-nos com ele**, para que conservemos a descendência de nosso pai. Deram, pois, a seu pai vinho a beber naquela noite; e, entrando a primogênita, deitou-se com seu pai; e não percebeu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. No dia seguinte disse a primogênita à menor: Eis que eu ontem à noite me deitei com meu pai; demos-lhe vinho a beber também esta noite; e então, entrando tu, deita-te com ele, para que conservemos a descendência de nosso pai. Tornaram, pois, a dar a seu pai vinho a beber também naquela noite; e, levantando-se a menor, deitou-se com ele; e não percebeu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. Assim as duas filhas de Ló conceberam de seu pai. A primogênita deu a luz a um filho, e chamou-lhe Moabe; este é o pai dos moabitas de hoje. A menor também deu à luz um filho, e chamou-lhe Ben-Ami; este é o pai dos amonitas de hoje.*

As duas filhas de Ló o embebedam para ter relações sexuais com ele, cujo resultado foi o de terem ficado grávidas; em virtude disso, ele tornou tudo confuso, pois ele se tornou em pai e avô ao mesmo tempo dos filhos nascidos de suas filhas. Mas isso não é proibido por Deus? Ou seja, o pai ter relações sexuais com as filhas? O pior que não. Não??? Exato! Não é proibido; há várias outras uniões sexuais com parentes que não são permitidas, menos essa; vejamos as que estão proibidas:

**Lv 18,7-18:** *Ninguém tenha relações sexuais com sua mãe. Ela é de seu pai, e é sua mãe;... ..com a concubina de seu pai;... ..com sua irmã, seja por parte de pai, seja de mãe, nascida em casa ou fora dela... ..com suas netas,... ..com a filha da concubina de seu pai,... ..com sua tia paterna,... ..com sua tia materna,... ..com a mulher dele [seu tio],... ..com sua nora,... ..com sua cunhada,... ..com uma mulher e com a filha dela,... ..com uma mulher e com a irmã dela,...*

Destacamos dessa passagem aqueles parentes que não podiam ter relações sexuais com os demais. É brincadeira, pois não se pode ter relação sexual com nenhum parente; entretanto, quanto ao próprio pai isso não foi proibido. Falha da lei? Mas, sendo ela de origem

divina, não pode haver nenhuma falha... Então, como é que ficamos nessa? Sim, já sabemos, pois alguém poderá dizer que, em sua Bíblia, o versículo 7 proíbe relações sexuais com o pai. Sem dúvida que fatalmente se encontrará isso em algumas traduções; mas corresponderá à realidade do texto? Vejamos as narrativas, conforme as Bíblias:

**Bíblia de Jerusalém:** *Não descobrirás a nudez do teu pai, nem a nudez da tua mãe. É tua mãe, e tu não descobrirás a sua nudez.*

**Bíblia Pastoral:** *Não tenha relações sexuais com sua mãe. Ela é de seu pai, e é sua mãe; não tenha relações sexuais com ela.*

**Bíblia Vozes:** *Não desonrarás teu pai, tendo relações sexuais com tua mãe. É tua mãe: não terás relações com ela.*

**Bíblia do Peregrino:** *Não terás relações com tua mãe. Ela é de teu pai e é tua mãe; não terás relações com ela.*

**Bíblia Anotada:** *Não descobrirás a nudez de teu pai e de tua mãe: ela é tua mãe; não lhe descobrirás a nudez.*

Não precisa ser muito inteligente para perceber que o segundo período é fatal para aqueles que quiseram mudar (ou seria adulterar?) o sentido do texto. Ainda que considerado, por alguns, como se fosse para os dois, ou seja, seu pai e sua mãe, vê-se que o texto se refere apenas a mãe, porquanto, caso fosse em relação aos dois, haveria de ser: São teus pais (ou é teu pai e é tua mãe) não terá relações sexuais com eles (ou com seu pai e com sua mãe).

Aqui terminamos de transcrever as passagens bíblicas relacionadas com o nosso assunto; mas seria interessante, antes de continuar, ver o que o escritor e historiador hebreu Flávio Josefo (37-103 d.C.), relata no livro *História dos Hebreus* sobre o episódio. Vejamos:

[...] Os assírios para se vingar, voltaram segunda vez sob o comando de *Marfede*, de *Arioque*, de *Codologomo* e de *Tidal*, devastaram toda a Síria, submeteram os descendentes dos gigantes e encontraram nas terras de Sodoma, onde acamparam no vale que tinha o nome de poços de betume, por causa dos poços de betume que ali existiam então, mais que depois da destruição de Sodoma foi mudado num lago que se chama Asfaltite, porque o betume dele sai continuamente aos borbotões. [...] (JOSEFO, 1990, p. 56).

Os povos de Sodoma, cheios de orgulho, por sua abundância e grandes riquezas, esqueceram-se dos benefícios que tinham recebido de Deus e não foram menos ímpios para com Ele do que ultrajosos para com os homens. Odiavam os estrangeiros e chafurdaram-se em prazeres inomináveis. Deus, irritado por seus crimes, resolveu castigá-los, destruir sua cidade de tal modo que não restasse o menor vestígio dela, tornando o país tão estéril que jamais pudesse produzir fruto ou planta alguma. (JOSEFO, 1990, p. 57)

[...] Deus então lançou do céu, os raios de sua cólera e de sua vingança contra essa cidade criminosa. Ela foi imediatamente reduzida a cinzas, com todos os seus habitantes; aquele mesmo fogo destruiu toda a região vizinha, como que já disse na minha história da guerra dos judeus. (JOSEFO, 1990, p. 58).

Eu penso ter mostrado bastante com quantos favores a natureza embelezou e enriqueceu as cercanias de Jericó; e eu creio dever falar agora do lago Asfaltite. Sua água é salgada, imprópria para os peixes; é tão leve que as coisas, mesmo as mais pesadas, não vão ao fundo. Vespasiano teve a vontade de lá ir e atirou à água, alguns homens que não sabiam nadar com as mãos atadas às costas. Todos voltaram à tona, como se alguma força estranha os impelisse de baixo para cima. Não se poderia assaz admirar de que esse lago mude de cor três vezes por dia, segundo os diversos aspectos do sol. Ele impele para vários lugares, massas de betume, negras, que parecem touros sem cabeça e que nadam nas águas. Os do país, que navegam no lago, vão com barcas recolher esse betume e como ele é tão extremamente pegajoso, gruda de tal modo que só pode ser desligado com urina de mulher e com aquele mau sangue de que elas se desfazem de tempos em tempos. Esse betume não somente serve para calafetar os navios, mas entra também em vários remédios,

próprios para muitas doenças. O comprimento desse lago é de quinhentos e oitenta estádios e ele se estende até Zoara, que está na Arábia. Sua largura é de cinquenta estádios.

As terras de Sodoma, vizinhas deste lago e que outrora eram abundantes não somente em toda espécie de frutos, mas também muito célebres por suas riquezas e pela beleza e suas cidades, agora só conserva a imagem espantosa daquele incêndio que a detestável impiedade de seus habitantes atraiu sobre ela, quando Deus, para castigar seus crimes, lançou do céu seus raios vingadores, que a reduziram a cinzas. **Ali vemos ainda alguns restos das cinco cidades abomináveis e suas cinzas malditas** produzem frutos por que parecem bons para se comer, mas apenas nós os apanhamos, reduzem-se logo a pó. Assim, não é somente pela fé que nos persuadimos desse horrível acontecimento; mas pode-se ainda constatá-lo com os próprios olhos. (JOSEFO, 1990, p. 629). (grifo nosso).

O que podemos perceber desses relatos de Josefo é que inicialmente ele dá a entender que a destruição foi somente da cidade de Sodoma, mas ao final acaba por estender às outras cinco cidades, nisso não está concorde com a Bíblia que cita apenas duas delas - Sodoma e Gomorra - e que a cidade de Zoar teria sido poupada. Veja no mapa que colocamos logo no início a localização delas.

### **O que de fato aconteceu?**

A essa altura do campeonato é difícil saber exatamente o que aconteceu; entretanto, algumas hipóteses são levantadas para o fato. A questão fica apenas em distinguir a que mais se aproxima da realidade e que seja isenta de fenômenos sobrenaturais como explicação. Vamos agora, portanto, ver algumas opiniões sobre o episódio.

#### **1 - Bíblia de Jerusalém**

Sabemos que a sua equipe de tradutores foi composta de católicos e protestantes. Ela é, segundo os mais entendidos, uma das melhores traduções bíblicas, embora isso não implique que ela não tenha os seus problemas. Vejamos o que dizem sobre Gn 19,25: "O texto permite situar o cataclismo na região meridional no mar Morto. De fato, o abaixamento da parte sul do mar Morto é geologicamente recente, e a região permaneceu instável até a época moderna..." (p. 58).

Pelo que entendemos a ocorrência é atribuída a um fenômeno de ordem natural, sem apelação para algum tipo de "milagre" que veio para castigar os que habitavam a região.

#### **2 - Dicionário Bíblico Universal**

Esse dicionário bíblico explica a palavra Sodoma, da seguinte forma:

Primeira cidade da Pentápole do sul do mar Morto no limite de Canaã (Gn 10,19)....

Podemos aproximar este relato de uma descoberta arqueológica recente. Entre 1975 e 1980 foram estudados quatro sítios arqueológicos da margem sudeste do mar Morto: todos foram destruídos pelo incêndio por volta da metade do Antigo Bronze, isto é, cerca de 2500 a.C. Não é impossível que uma lembrança local, ou uma reflexão sobre as ruínas ainda visíveis, tenha sido incorporada à tradição dos patriarcas que chegaram mais tarde.

Devido ao fato de Ló ter morado nela, e também por sua proximidade de Jerusalém, Sodoma é mais frequentemente mencionada na Bíblia do que as três outras cidades destruídas (Is 3,9; Ez 16,46; Lm 4,6).

O nome de Sodoma foi transferido para o sudoeste do mar Morto, designando a montanha de sal do Djebel Usdum, ou Har Sedom, onde os visitantes reconheciam a estátua de sal da mulher de Ló (Gn 18,26). (MONLOUBOU e DU BUIT, 1996, p. 763).

Se o local foi destruído em cerca de 2500 a.C., então essa catástrofe nada tem a ver com a história de Ló, uma vez que o seu tio Abraão, que o levou junto para Canaã, viveu por volta de 1850 a.C. (Superinteressante, julho 2002, p. 43). Assim, pode-se perceber que é realmente uma tradição incorporada à história dos hebreus; por isso, não corresponde aos

fatos que estamos estudando. Pena que não deram alguma explicação para a ocorrência.

### 3 - Revista Mistério

O assunto é levado à conta de mistério, visto não se saber exatamente o que aconteceu. Mas leiamos o que dizem:

#### Destruição de Sodoma e Gomorra

*Disse, pois, o Senhor: "O clamor de Sodoma e Gomorra aumentou, e o seu pecado agravou-se extraordinariamente". Fez, pois, o Senhor chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo do céu; e destruiu essas cidades, e todo o país em roda, todos os habitantes da cidade, e toda a verdura da terra. E a mulher de Ló, tendo olhado para trás, ficou convertida numa estátua de sal. E viu que se elevavam da terra cinzas inflamadas, como o fumo de uma fornalha (Gn 18.20; 19.24,26,28).*

A sinistra força dessa narrativa bíblica tem impressionado profundamente os ânimos dos homens em todos os tempos. Sodoma e Gomorra transformaram-se símbolos de vício e iniquidade, e também sinônimos de aniquilação completa. Assim, a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra tornou-se uma das mais emblemáticas passagens da Bíblia e um dos mais conhecidos desastres da história da humanidade. Embora ela seja encarada por diversos exegetas (intérpretes dos textos bíblicos) como apenas uma passagem simbólica, há décadas arqueólogos e pesquisadores buscam indícios ou mesmo provas concretas da existência das cidades gêmeas e, principalmente, dos motivos que as levaram elas a desaparecer. De acordo com o livro do Gênesis, ambas foram destruídas por enxofre e fogo. Os cientistas trabalham com conjecturas. As cidades realmente existiram? Qual fenômeno seria capaz de varrer as duas do mapa?

#### O QUE DIZ A CIÊNCIA?

Algumas pistas já foram levantadas na tentativa de esclarecer as perguntas. No *"Quarterly Journal of Engineering Geology"*, os geólogos britânicos Graham Harris e Anthony Beardow apresentaram algumas evidências e teorias a cerca da localização e do trágico destino das cidades. De acordo com a dupla de pesquisadores, o legendário Vale de Siddim, berço de Sodoma e Gomorra, situava-se a nordeste da Península de Lisan, que divide o Mar Morto em duas bacias. Com base em análises do solo da região, Harris e Beardow chegaram à conclusão de que o Vale de Siddim foi assolado por um terremoto de grandes proporções. Além de pôr abaixo as edificações (o abalo teria feito aflorar grandes quantidades de betume, que incendiou-se, agravando a destruição), liquefez o solo e as rochas abaixo das cinco cidades que comporiam o Vale. Como consequência, Sodoma e Gomorra perderam-se nas águas da bacia norte do Mar Morto.

O fenômeno apontado pelos geólogos já foi registrado em épocas e regiões bem distintas. Em 37 a.C., a antiga cidade grega de Helice desapareceu devido à liquefação, assim como uma extensa área da China, que desapareceu devido a sismos em 1921. Nos idos de 1950, uma parte de Valdez, no Alasca, também sucumbiu liquefeita. (Revista Mistério, s/d, p. 18).

### 4 - E a Bíblia tinha razão...

Vejamos agora o que o Werner Keller diz sobre essa questão:

Só no começo deste século, com as escavações realizadas no resto da Palestina, foi despertado também o interesse por Sodoma e Gomorra. Os exploradores dedicaram-se à procura das cidades desaparecidas que nos tempos bíblicos estariam situados no *vale de Sidim*.

Na extremidade a sudeste do mar Morto, encontram-se os restos de uma grande povoação. Esse sítio ainda hoje é chamado Segor. Os pesquisadores se regozijaram, pois *Segor* era uma das cinco cidades ricas do vale de Sidim que se recusaram a pagar tributo aos quatro reis estrangeiros. Mas as escavações experimentais realizadas trouxeram apenas decepção. Assim, há dúvidas ainda se Segor é o mesmo sítio citado na Bíblia.

A verificação das ruínas descobertas revelou tratar-se de restos de uma

cidade que floresceu no princípio da Idade Média. Da antiga Segor do rei de Bala (Gênesis 14.2) e das capitais vizinhas não se encontrou vestígio. Entretanto, diversos indícios encontrados nos arredores da Segor medieval sugerem a existência de uma povoação muito densa naquele país em época muito anterior.

Na costa oriental do mar Morto, estende-se mar adentro, como uma língua de terra, a península de El-Lisan. Em árabe, "el-Lisan" significa "a língua". A Bíblia menciona-a expressamente quando se refere à partilha do país depois da conquista. As fronteiras da tribo de Judá são traçadas com precisão. Para isso Josué dá uma estranha característica a fim de indicar os limites do sul: "*O seu princípio é desde a ponta do mar salgado, e desde a língua que ele forma, olhando para o meio-dia*" (Josué 15.2).

Uma narrativa romana refere-se a essa língua de terra numa história que sempre foi injustamente considerada com grande ceticismo. Dois desertores fugiram para essa península. Os legionários que os perseguiram procuraram-nos em vão por toda parte. Quando finalmente os avistaram, era tarde demais. Os desertores já escalavam os altos rochedos da outra margem... Tinham atravessado o mar a vau!

Evidentemente o mar naquela época era mais raso que hoje. Invisível, o fundo ali forma uma dobra gigantesca que divide o mar em duas partes. À direita da península, desce a prumo até quase quatrocentos metros de profundidade. À esquerda da península, o fundo é extraordinariamente raso. Medições feitas nos últimos anos acusaram profundidades de quinze a vinte metros apenas.

Os geólogos tiraram dessas descobertas e observações outra interpretação, que poderia explicar a causa e fundamento da narrativa bíblica da aniquilação de Sodoma e Gomorra.

A expedição americana dirigida por Lynch foi a primeira que, em 1848, deu a notícia da grande descida do Jordão em seu breve curso pela Palestina. O fato de, em sua queda, o leito do rio descer muito abaixo do nível do mar é, como só pesquisas posteriores comprovaram, um fenômeno geológico singular. "É possível que haja em algum outro planeta coisa semelhante ao que ocorre no vale do Jordão; no nosso não existe", escreve o geólogo George Adam Smith em sua obra *A geografia histórica da Terra Santa*. "Nenhuma outra parte não submersa da nossa Terra fica mais de cem metros abaixo do nível do mar".

O vale do Jordão é apenas parte de uma fenda imensa na crosta da nossa Terra. Hoje já se conhece sua extensão exata. Começa muitas centenas de quilômetros ao norte da fronteira da Palestina, nas faldas da montanha do Tauro, na Ásia Menor. Ao sul, vai desde a costa sul do mar Morto, atravessa o deserto de Araba até o golfo de Ácaba e só vai terminar do outro lado do mar Vermelho, na África. Em muitos lugares dessa imensa depressão há vestígios de antiga atividade vulcânica. Nos montes da Galileia, nos planaltos da Jordânia oriental, nas margens do afluente Jabbok, no golfo de Ácaba, há basalto negro e lava.

Será que Sodoma e Gomorra afundaram quando - acompanhado por terremotos e erupções vulcânicas - um pedaço do chão do vale ruiu um pouco mais? E o mar Morto se alongou naquela época em direção ao sul, como é mostrado (figura 12) no esboço?

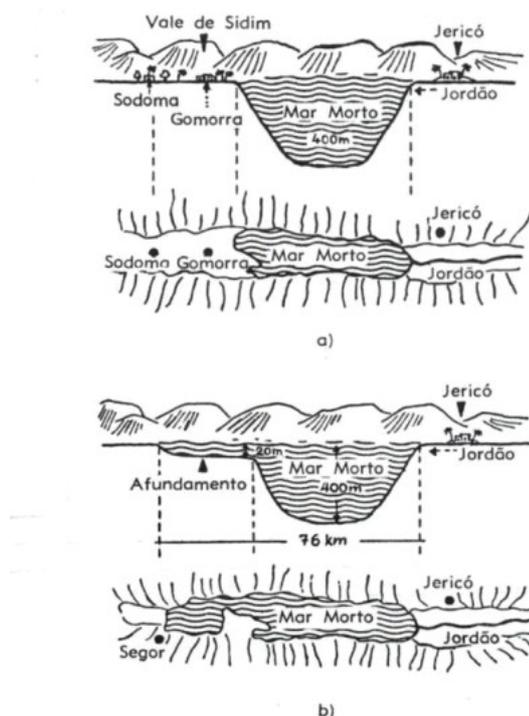


Figura 12: O mar Morto: a) 2000 a.C., antes do afundamento de Sodoma e Gomorra; b) 1900 a.C., depois da catástrofe.

A ruptura da terra liberou as forças vulcânicas contidas há muito tempo nas profundezas da greta. Na parte superior do vale do Jordão, junto a Basan, erguem-se ainda hoje as crateras de vulcões extintos, e sobre o terreno calcário há grandes campos de lava e enormes camadas de basalto. Desde tempos imemoriais, os territórios ao redor dessa depressão são sujeitos a terremotos. Repetidamente temos notícia deles, e a própria Bíblia fala a respeito. Como para confirmar a teoria geológica do desaparecimento de Sodoma e Gomorra, escreve textualmente o sacerdote fenício Sanchuniathon em sua *História antiga* redescoberta: "O vale de Sidimus (1) afundou e se transformou em mar, sempre fumegante e sem peixe, exemplo de vingança e morte para os ímpios".

[...]

Da mesma forma, a tradição de Sodoma e Gomorra parece ser ainda mais problemática do que a referente aos camelos de Abraão. Antes de mais nada, convém frisar que está fora de qualquer cogitação a hipótese segundo a qual a depressão do rio Jordão teria se originado somente há uns quatro milênios, pois, conforme as pesquisas mais recentes, a origem dessa depressão remontaria ao Oligoceno (Terciário, entre o Eoceno e o Mioceno). Portanto, neste caso é preciso calcular não em milhares, mas sim milhões de anos. Embora, em tempos posteriores, fosse comprovada uma atividade vulcânica mais intensa, relacionada com a abertura da depressão do rio Jordão, mesmo assim chegamos a parar no Plistoceno, encerrado há uns dez mil anos, e ficamos longe do chamado "período dos patriarcas", convencionalmente datado no terceiro ou até segundo milênio antes de Cristo. Ademais, justamente ao sul da península de Lisan, onde supostamente teria acontecido o ocaso de Sodoma e Gomorra, perdem-se todos os vestígios de erupções vulcânicas. Em outras palavras, naquela área as condições geológicas não permitem comprovar uma catástrofe ocorrida em época geológica bem recente que destruiu cidades e foi acompanhada por violentas erupções vulcânicas.

Por outro lado, o que se achou a respeito da entrada do mar Morto na bacia do sul, mais rasa? No decorrer de sua história bastante movimentada, o mar Morto (e seus antecessores no Plistoceno) estendeu-se, frequentemente, além da atual bacia meridional, invadindo o Uadi e 'Arab. Por vezes, seu nível ficou até cento e noventa metros mais alto do que hoje. Naqueles tempos, o lago imenso ali represado encheu toda a depressão do Jordão, desde o Uadi e 'Arab, e subiu até o lago de Genesaré. Em seguida, esse lago diminuiu, como o atestam nada menos que vinte e oito antigos terraços nas suas margens, ou,

possivelmente, até secou, e somente depois (presumivelmente, acompanhado por fortes tremores de terra) houve a formação do mar Morto. Mas igualmente esse acontecimento ocorreu ainda em fins do Plistoceno, quando, embora o homem já existisse, ainda não havia cidades. Todavia, há uma vaga possibilidade de que se teria tratado de experiências vividas naquela região pelo homem da Idade da Pedra, que, transmitidas de boca em boca, geração após geração, criaram as tradições das "cidades devastadas" e vieram a dar origem à tradição em apreço, pois essa tradição parece ser muito antiga, bem mais antiga do que se supôs até agora. Logo mais, voltaremos ao assunto. Decerto, houve terremotos no mar Morto em tempos posteriores, como, por exemplo, o ocorrido em 31 a.C., cujos horrores foram relatados por Flávio Josefo, bem como o registrado em Qirbet Qumran (local do achado dos famosos "rolos manuscritos do mar Morto"), onde persistem os vestígios da destruição então causada. Contudo, em parte alguma há indícios de uma catástrofe que, no início do segundo milênio antes da nossa era, teria aniquilado cidades inteiras. Aliás, nomes de locais geográficos, como Bahr el Lat ("mar de Lot"), termo árabe para o mar Morto, Djebel Usdum ("monte de Sodoma") e Zoar, não precisam necessariamente ser oriundos de uma tradição autêntica, independente, imediata, primária e paralela à Bíblia. É bem possível que, posteriormente e em aditamento aos relatos bíblicos, esses locais recebessem seus nomes (no caso, poderia tratar-se de uma mera "tradição secundária"). Situação análoga apresenta-se com referência ao "canal de José" (em árabe: Bahr Yusuf), em Fayum, no Egito, a ser mencionado no próximo capítulo. Aliás, o "José egípcio" da Bíblia existe também na tradição islâmica, e provavelmente o nome do respectivo curso de água poderia (ou deveria) estar relacionado com ele.

Foi apenas recentemente que a escavação do Tell el-Mardikh, na Síria setentrional (ao sul de Alepo), conduzida pelo cientista italiano Giovanni Pettinato, causou sensação. Ali, Pettinato achou Ebla, uma cidade do terceiro milênio antes da era cristã, e a esse respeito foram três os fatos que causaram espécie. Primeiro, em tempos pré-históricos, existia ali uma civilização avançada, com uma estrutura social altamente diferenciada para a época; segundo, Ebla possuía um rico arquivo de tabuinhas de barro. Como costuma acontecer com todos esses arquivos, sua descoberta promete uma série de conhecimentos novos, quando, por outro lado, tais noções recém-adquiridas bem poderiam abalar algumas das doutrinas até então consideradas certas e garantidas. Recentemente, um colega alemão do Prof. Pettinato comentou: "Depois de estudados e explorados os textos, provavelmente poderemos esquecer os resultados obtidos em todo um século de pesquisas do antigo Oriente". Contudo, a terceira e, no caso, a mais importante sensação causada pela descoberta do Prof. Pettinato prende-se ao fato de os textos de Ebla conterem nomes que nos são familiares pela leitura da Bíblia e, assim, aparecem no terceiro milênio antes de Cristo! Ali são mencionados tanto o nome de Abraão quanto os nomes das cidades pecadoras de Sodoma e Gomorra, aniquiladas pelo fogo, de Adma e Zeboim, no mar Morto. Aliás, quanto a isso, há um certo ceticismo entre alguns colegas do Prof. Pettinato. Será que ele interpretou corretamente aqueles textos? Sem dúvida, pois como já mencionamos em outro trecho, os nomes dos patriarcas foram encontrados também em outros locais. Mas o que se deve pensar do fato de os nomes Sodoma e Gomorra constarem de um arquivo encontrado na Síria, terceiro milênio antes de Cristo? Assim, será que essas cidades existiram de fato? Ou será que sua tradição remonta a tempos remotos, a ponto de *antecederem* o início convencional para o "tempo dos patriarcas"? Decerto, ainda levará muito tempo para se encontrar respostas a todas essas perguntas. Em geral, o cientista não costuma ir à cata de sensações, e falta muito para reunirmos as condições necessárias para avaliar, sem sombra de dúvida, quanto de realmente sensacional há na arqueologia bíblica do Tell el-Mardikh, descontado todo sensacionalismo.

(1) Isto é, Sidim.

(KELLER, 2000, p. 83-95).

## 5 - Os grandes enigmas do universo

Richard Henning, autor do livro *Os grandes Enigmas do Universo*, também não deixou de falar sobre esse assunto. Leiamos-lo:

## SODOMA E GOMORRA

“ENTÃO, o Eterno fez cair do céu fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra. Destruiu estas cidades, a planície e aniquilou todos os habitantes, bem como as plantas... E eis que da terra se elevou uma coluna de fumo, como duma fornalha”.

Os investigadores já procuraram muitas vezes desvendar o mistério desta catástrofe, que teve por teatro a primitiva Palestina. Com efeito, os tremores de terra ou as erupções vulcânicas nunca são acompanhadas por chuvas de fogo ou de enxofre. No entanto, trata-se dum acontecimento histórico, pois até os próprios historiadores pagãos o mencionam. Assim, Estrabão escreveu no ano 20 d.C.: “São dignas de crédito as tradições chegadas até nós através dos habitantes, as quais asseguram ter havido outrora treze prósperas cidades nesta região; afirma-se até que as muralhas de Sodoma, a cidade principal, ainda existem e que medem sessenta estádios de perímetro. O lago saiu do leito em virtude dum grande tremor de terra, tendo vomitado betume em ebulição misturado com água sulfurosa, ao mesmo tempo que as rochas eram calcinadas pelas chamas que brotaram do solo. As cidades afundaram-se parcialmente nas entranhas da Terra ou foram abandonadas pelos habitantes em pânico”. A descrição de Estrabão está, de fato, muito mais próxima da realidade do que a contida no Gênese, como veremos dentro em pouco. Todavia, Estrabão não foi o único escritor grego a conhecer a catástrofe, porquanto Ptolomeu não a ignorava, pois chama ao mar Morto *Sodomorum Lacus*, nem Fílon, que também se refere ao assunto.

Entre os Romanos, Tácito evoca igualmente nas suas *Histórias* a destruição de Sodoma: “Não longe do mar Morto estendiam-se planícies que foram outrora muito férteis e onde se erguiam grandes cidades. Contudo, diz-se que estas foram destruídas pelo raio... Quanto a mim, admito perfeitamente que algumas cidades célebres tenham sido devoradas pelo fogo do céu”. O historiador Flávio Josefo menciona por sua vez a catástrofe.

Finalmente, o próprio Alcorão alude ao acontecimento no seguinte versículo: “Revolveu as cidades destruídas e o que elas recobriam recobriu-as por sua vez”.

Não se trata, pois, duma lenda inventada duma ponta à outra. A natureza exata desta catástrofe e a região da Palestina em que ocorreu é que nos ocuparão a seguir na sequência deste capítulo.

Uma passagem da Bíblia relativa a uma época anterior à destruição das cidades assinala que os cinco “reis” de Sodoma, Gomorra, Hadama, Seboim e Zoer se tinham reunido no “vale de Siddim, que é atualmente o mar Salgado”, para ali conduzirem em comum uma guerra. Muito provavelmente, este “mar Salgado” é o mar Morto, cujo teor em sal é extremamente elevado. Além disso, os apócrifos precisam que “caiu fogo” sobre as cinco cidades referidas e que o local onde cada uma delas se erguia ficou totalmente devastado “e ainda fumega em sinal de opróbrio”. Sodoma, Gomorra, Seboim e Hadama foram destruídas e só a “pequena” cidade de Zoer, onde Loth se teria refugiado, foi poupada.

Pode, pois, perguntar-se se realmente houve quatro cidades que foram riscadas do mapa. Sodoma era sem dúvida a mais importante. Aliás, é só dela que trataremos neste capítulo. Com efeito, **não é certo que Gomorra, citada sempre ao mesmo tempo que Sodoma, fosse o nome duma cidade, mas tão-somente o duma planície vizinha, igualmente submersa, tanto mais que o significado etimológico da palavra é o de “planície que as águas tornaram a cobrir”.**

Desde já se pode admitir que a causa imediata da catástrofe foi um tremor de terra. Mas que pensar a respeito da chuva de fogo e de enxofre?

A primeira ideia que vem à cabeça é que tal chuva se deveria a um vulcão que teria entrado em erupção. Com efeito, as regiões vizinhas do vale do Jordão e do mar Morto abundam em vulcões extintos, um dos quais, e não dos menos célebres, é o monte Tabor. No entanto, a verdade é que todos esses vulcões se encontram extintos há dezenas e dezenas de milhares de anos. Que um deles tenha acordado bruscamente no início dos tempos históricos é teoricamente possível. No entanto, um acontecimento geológico tão recente devia ter deixado vestígios fáceis de serem detectados pelos geólogos. Com efeito, tanto a lava como os produtos da erupção deveriam subsistir se o fenômeno tivesse ocorrido no início do segundo milênio antes de Jesus Cristo. Ora, a verdade é que em

toda a região não aparece o menor vestígio, pelo que se pode afirmar com probabilidade mínima de erro que nenhum fenômeno vulcânico se verificou na Palestina nos últimos quatro mil anos.

A fim de resolver esta contradição entre os textos e os dados fornecidos pela geologia, Gunkel e Edouard Meyer admitiram que a «lenda» da destruição das duas cidades teria provindo da Arábia, donde teria passado para a Palestina. Mas esta hipótese não conduz a coisa alguma. A tradição bíblica menciona com demasiada precisão a "mar Salgado", de que faz ponto de referência da sua narrativa. Além disso, não existe na Arábia nenhum vulcão em atividade. Se é fato que, em 1256 e em 1276, se verificaram erupções isoladas perto de Medina, em 1824 na ilha Saddle, em 1834 no *dejbél* Tair, etc., a sua amplitude foi sempre limitada, não havendo prova alguma de que, desde as tempos históricos, se tivesse produzido na Arábia uma catástrofe vulcânica importante.

Blackenhorn é que resolveu o enigma graças às pesquisas que excetuou no local: o mar Morto ter-se-ia formado parcialmente no Período Terciário, a seguir ao afundamento do "fosso leste africano". A crosta terrestre aluiu então desde o lago Niassa até à Síria, dando origem a numerosos vulcões, aos grandes lagos africanos, ao mar Vermelho, ao mar Morto e ao lago Tiberíades. A princípio, este constituía um todo com o mar Morto, mas naquele clima desértico e devido à evaporação constante das águas, a lago e o mar acabaram por se separar, enquanto ia aumentando o seu teor em sal.

O mar Morto é, com o mar Cáspio e o lago Baikal, a mais profunda depressão continental da crosta terrestre. Com efeito, a fundo do mar Morto encontra-se a setecentos e noventa e três metros abaixo do nível do mar Mediterrâneo e a sua superfície está ainda a trezentos e noventa e quatro metros abaixo do nível mediterrânico devido à fortíssima evaporação das suas águas. Atualmente, o mar Morto mede setenta e oito quilômetros de comprimento, dezessete de largura e trezentos e noventa e nove metros de profundidade. Como nenhum grande rio, à exceção do Jordão, se lança nas suas águas, o seu teor em sal é seis vezes mais forte da que o dos oceanos. Por consequência, nenhum peixe ali pode viver ou, o que é o mesmo, não se encontram pescadores ao longo das suas margens. Nenhum barco o percorre, podendo pois dizer-se que o seu nome de mar Morto está plenamente justificado.

Mas o mar Morto, que nasceu do afundamento do solo durante o Período Terciário, era então menos extenso do que nos nossos dias. Nessa época, terminava por alturas da actual península de El-Lisan, situada no seu litoral sudeste. Este primitivo mar Morto atingia cinco sextos daquele que hoje conhecemos, sendo aquela a parte mais profunda da depressão. Quanta à parte meridional, situada abaixo da península de El-Lisan, é de formação muito mais recente, variando a sua profundidade entre um e seis metros. Por consequência, esta região só ficou submersa muito mais tarde. No início dos tempos históricos ainda era habitada e nela existiam várias povoações.

Este afundamento foi obviamente um fenômeno de origem sísmica e foi ele que deve ter destruído Sodoma e Gomorra.

A este respeito, Blanckenhorn escreveu o seguinte: "O solo da parte meridional do atual mar Morto aluiu bruscamente. Abriram-se fendas que engoliram cidades inteiras ou que as fizeram positivamente dar voltas nas profundezas da Terra, de tal maneira que o mar Morto acabou por cobrir toda a região... Não se pode considerar como hipótese séria a erupção dum vulcão situado debaixo dos pés dos Sodomitas, nem a de uma inundação de lava incandescente".

Todavia, um simples sismo, por mais violento que fosse, ao provocar o aluimento de uma região inteira, logo a seguir coberta pelas águas, não explica a narração bíblica no que ela tem de mais notável - a chuva de fogo e de enxofre. Mas a verdade é que este problema está hoje igualmente explicado.

Com efeito, a região do mar Morto é rica em fontes termais, tanto sulfurosas como carbónicas, bem como em poços de betume e de asfalto, que são outros tantos testemunhos da intensa atividade vulcânica do subsolo da região. Assim, na margem meridional do mar Morto existe uma nascente frequentemente visitada pelos turistas em virtude da intensidade do seu cheiro a enxofre, afirmando uma antiga tradição popular, aliás pouco digna de crédito, que, em virtude do odor fétido da referida nascente, as aves evitam sobrevoar o mar Morto.

Estas verificações levam-nos a dar mais atenção à descrição de Estrabão do

que à narração bíblica. A verdade é que não caiu sobre Sodoma qualquer "chuva" de fogo e de enxofre. As fendas do solo é que deixaram escapar toda a espécie de gases, os quais não tardaram a inflamar-se, provocando as chamas e o fumo que envolveram toda a região. "E eis que da terra se elevou fumo como duma fornalha", reconhece a Bíblia, o que é sem dúvida exato.

Em Julho de 1927, esta interpretação recebeu uma brilhante confirmação. Ao norte do mar Morto, perto de Zerka, sentiu-se de repente um forte abalo, e uma nuvem de fumo, semelhante àquela a que a Bíblia se refere, elevou-se na atmosfera. Os gases brotaram do solo exatamente como o deviam ter feito há uns quatro mil anos, isto é, inflamaram-se quase a seguir, ao mesmo tempo que por toda a atmosfera se espalhava um forte cheiro a enxofre.

Em 1929, o padre Mallon e o arqueólogo René Neuville, ao efetuarem pesquisas por conta do Instituto Bíblico do Vaticano, puseram a descoberto, a seis quilômetros da margem nordeste do mar Morto, uma cidade antiga datando da Idade do Bronze e que parecia ter sido teatro duma alta civilização. Entre as descobertas feitas pelos dois pesquisadores contavam-se casas, vastos depósitos de trigo, joias artisticamente trabalhadas e incrustadas de pérolas, nácar e pedras preciosas, bem como fragmentos duma escrita até hoje desconhecida. Esta cidade devia ter sido destruída por um gigantesco incêndio por alturas do ano 2000 a.C. Como se ignorava tudo a respeito de qualquer cidade situada naquele lugar da antiga Palestina, veio imediatamente à ideia de que se trataria das ruínas de Sodoma. No entanto, a hipótese não podia ser mantida, pois, se atendermos à cronologia, a destruição de Sodoma devia ter sido mais recente do que a da cidade descoberta em Tel Gessul, como os próprios católicos admitiram pouco depois. Com efeito, a Bíblia chama expressamente a atenção para o fato de que o local onde outrora se encontrava Sodoma e Gomorra passou a estar ocupado pelo mar Salgado. Portanto, na margem nordeste do mar Morto esteve localizada uma cidade cujo nome não chegou até nós, embora se tenha de reconhecer, por outro lado, que Sodoma e Gomorra só podiam situar-se na região atualmente coberta pela zona meridional daquele mar. Com efeito, está hoje provado que Zoer, onde Loth se refugiou, se erguia a sudeste do mar Morto, num local que Flávio Josefo ainda conheceu. Necessariamente, Zoer localizar-se-ia na vizinhança imediata de Sodoma, que, por consequência, só poderá ser procurada na zona sul do referido mar.

A tradição bíblica fornece ainda outro argumento em apoio desta teoria: ao fugir da catástrofe, a mulher de Loth voltou-se, desobedecendo à proibição de Deus, tendo sido punida, e por isso ficou transformada numa estátua de sal. A explicação deste episódio parece fácil. Com efeito, a margem meridional do mar Morto está cheia de rochas de sal com as formas mais bizarras e variáveis, devido à influência do vento e dos fenômenos atmosféricos. Com um pouco de imaginação, muitos desses blocos podem assemelhar-se a silhuetas humanas ou a animais, e por isso um deles, que sem dúvida se parecia com uma estátua de formas femininas, serviu de base para a história da mulher de Loth. Ainda hoje os Árabes, a quem nunca faltou imaginação, designam determinado rochedo de sal por *djebel Usdum* - Usdum em árabe significa Sodoma - e consideram-no como sendo "a mulher de Loth". Seja qual for a verdadeira explicação, a verdade é que este pormenor da tradição bíblica mostra que só está em causa a margem meridional do mar Morto e não a região nordeste. Neste caso, a ciência e a história estão de acordo, pelo que o problema de Sodoma e Gomorra pode considerar-se solucionado.

Para terminar este assunto, assinale-se ainda com as devidas reservas uma outra hipótese, aliás inverificável. Se realmente o desaparecimento de Sodoma e Gomorra foi consequência dum aluimento da crosta terrestre, existe a possibilidade de esta catástrofe se ter verificado ao mesmo tempo que a grande convulsão vulcânica que afetou o arquipélago de Santorin, da qual falaremos no capítulo seguinte. Com efeito, os dois acontecimentos datam aproximadamente da mesma época, ou seja, primeira metade do segundo milênio antes de Jesus Cristo. Com efeito, muitos abalos telúricos ou vulcânicos em determinado ponto do Globo provocam muitas vezes outros abalos em regiões diferentes. Ora a distância que separa o arquipélago de Santorin do mar Morto não é tão grande que se possa excluir a impossibilidade duma relação entre os dois fenômenos. No entanto, não se pode apresentar qualquer prova desta hipótese; quando muito, há uma possibilidade, aliás frágil, de que as coisas se tenham passado assim. (HENNING, 1950, p. 55-62). (grifo nosso).

## 6 - Da Bíblia aos nossos dias

O escritor Mário Cavalcanti de Melo, também fala sobre esse assunto; vejamos o que coloca citando Léo Taxil e Strabão:

O mais interessante em tudo isso, é que os israelitas, segundo Strabão, não atribuem a destruição de Sodoma e Gomorra a castigos dos Céus, mas, apenas, a fenômenos naturais e erupções vulcânicas". (80).

Vejamos, agora, o que nos diz o grande geógrafo grego:

"A região de Sodoma e Gomorra tem sido muito trabalhada pelo fogo, o que disso há muitas provas: rochedos queimados, numerosas crateras, uma terra de cinzas, rios que espalham de longe um odor infecto, e aqui e ali, habitações em ruínas. Tudo isto faz crer que outrora havia treze cidades e que Sodoma era a metrópole; mas que, por tremores de terra, erupções de fogo subterrâneo e as águas betuminosas e sulfurosas incendiadas, o fogo invadiu a terra e os rochedos guardam a marca do cataclismo. Entre estas cidades, umas foram tragadas, as outras abandonadas pelos habitantes que puderam salvar-se". (81).

(80) – Léo Taxil – La Bible Amusante – pgs. 147 a 152;

(81) – Strabão – Livro XVI c. II.

(MELO, 1954, p. 163).

## Conclusão

Esperamos ter oferecido dados para que você, leitor, possa tirar suas próprias conclusões a respeito do assunto. Uma coisa é certa: que tudo não passou de um fenômeno natural, tomado à conta do humor de Deus, é um fato. Naquela época, por exemplo, o trovão era voz de Deus (Ex 19,19) e os raios eram setas com as quais enchia as mãos para atirá-las num alvo certo (Jó 36,32); isso somente para corroborar quanto era ingênuo o pensamento de outrora sobre a divindade.

Se Deus destruiu mesmo Sodoma, então ele não cumpriu o "*a cada um conforme as suas obras*" (Jó 34,11; Sl 62,13 e Mt 16,27), pois pessoas inocentes foram castigadas. Mas aí como fica o: "*Tu, porém, és justo, e governas todas as coisas com justiça. Consideras incompatível com o teu poder condenar alguém que não mereça castigo*" (Sb 12,15)? Fato que também é contrário a outra coisa que Deus "detesta": condenar o inocente (Pr 17,15). Por outro lado, parece-nos que, se agiu desse modo, Deus não corrigiu como um pai corrige ao filho (Pr 3,11-12), nem mesmo teria tido compaixão de todos, não levando em conta os pecados dos homens (Sb 11,22-23), contrariando esses passos. Castigar com fogo não é uma ação que possa ser enquadrada como algo feito com brandura (Sb 12,2), para que viesse a ser recuperado o pecador. Tão-pouco seria um castigo tipo "pouco a pouco", de forma a dar oportunidade de arrependimento (Sb 12,10).

Assim, podemos ver que várias passagens bíblicas são contrariadas a ser verdadeiro o castigo imposto a Sodoma. Mas não somos fanáticos a tal ponto de aceitar tal aberração; por isso, preferimos acreditar que tudo não passou mesmo de fenômeno de ordem natural, ao qual se submetem todos nós, que estamos encarnados na Terra, que é um planeta de provas e expiações.

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Jun/2006.

## Referências Bibliográficas

Bíblia Anotada, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia do Peregrino, São Paulo: Paulus, 2002.

- Bíblia Sagrada – Edição Barsa, Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.  
Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, São Paulo: Paulus, 1990.  
Bíblia Sagrada – Edição Popular, São Paulo: Paulinas, 1977.  
Bíblia Sagrada, Petrópolis – RJ: Vozes, 1989.  
Bíblia Sagrada, São Paulo: Paulinas, 1980.  
HENNING, R. *Os grandes enigmas do universo*, Lisboa: Bertrand, 1950.  
JOSEFO, F. *História dos Hebreus*, Rio de Janeiro: CPAD, 1990.  
KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão...*, São Paulo: Melhoramentos, 2000.  
MELO, M. C. *Da Bíblia aos nossos dias (Suas lendas, erros e contradições)*, Curitiba, FEOP, 1954.  
MONLOUBOU L. e DU BUIT, F. M., *Dicionário Bíblico Universal*, Petrópolis – RJ: Vozes; Aparecida – SP: Santuário, 1996.  
Revista Mistério, Enigmas do passado, presente e futuro, nº. 2, São Paulo, Digerati, s/d.  
Revista Superinteressante, edição 178. São Paulo: Abril, 2002.  
Imagem sodoma: <http://www.mucheroni.hpg.ig.com.br/religiao/96/arqueologia/sodoma1.htm>